

**27/5/1985**

**Bóias-frias: depois da violência, o acordo.**

Os cortadores de cana, que estavam em greve desde terça-feira na região de Ribeirão Preto, voltam ao trabalho hoje: sábado à noite, foi assinado um acordo, na DRT, entre a Faesp e a Fetaesp. Mesmo que o acordo não tenha sido aprovado pelos bóias-frias das mais de 20 cidades que haviam aderido ao movimento — houve assembléia ontem em apenas algumas delas — a greve não poderia continuar, segundo a Fetaesp, face à “violenta ação policial”.

Na assembléia realizada ontem de manhã em Pontal, que contou com a presença de cerca de 500 bóias-frias, Hélio Neves, diretor da Fetaesp, fez severas críticas à polícia observando que “o movimento era pacífico e o trabalhador não se preparou para enfrentar uma guerra”, e criticou o governador Franco Montoro: “Ele colocou a polícia na rua para bater no trabalhador.”

Usando sempre o verbo no passado — quando, por exemplo, disse que “a greve foi importante” — Hélio Neves, que coordenou o movimento, praticamente antevia a decisão da assembléia. O fim da greve acabou sendo aprovado por unanimidade.

Como outros oradores. Neves defendeu o ministro do Trabalho. Almir Pazzianotto, “um dos poucos homens do atual governo que estão ao lado do trabalhador”. As críticas, além de Montoro e do secretário da Segurança, Michel Temer, atingiram o deputado João Cunha (PMDB-SP), que na semana passada condenou “a exploração política diante das justas aspirações dos trabalhadores, num jogo de grevismo, que ameaça a estabilidade da Nova República”.

O deputado estadual Waldir Trigo disse que vai reiterar, na Assembléia Legislativa, denúncia contra a ação da polícia durante a greve, insistindo na remoção do capitão Milton Pink do comando do 13º BPMI, sediado em Bebedouro. E anunciou que, pelo menos momentaneamente, se afastará da vice-liderança do PMDB.

A Fetaesp contabilizou 83 detenções durante a greve dos bóias-frias e relatou também que pelo menos 30 pessoas ficaram feridas em confronto com a polícia. Sábado, em Serrana, foram detidas 54 pessoas, liberadas à tarde, a maioria delas participando de piquetes. E, em Pitangueiras, 20 pessoas, incluindo mulheres e crianças, ficaram feridas, sendo três atendidas no hospital da cidade, com a presença da polícia determinada a dissolver os piquetes.

**O acordo**

Mas assembléias de ontem, diretores da Fetaesp consideraram que “houve um grande avanço” no acordo terminado com a Faesp, mediado pelo ministro Almir Pazzianotto. Referiram-se à forma de aferição da produção do cortador de cana: os usineiros e fornecedores continuarão pagando por tonelada, mas com a conversão feita em metro linear do canavial, o que será acompanhado sempre por um representante dos trabalhadores e um fiscal do Trabalho.

“Nós confiamos no ministro Almir Pazzianotto. mas o trabalhador vai ter de ficar de olho, vendo se o seu pagamento realmente corresponde ao que produziu no canavial. E, se tudo não for feito de acordo, poderemos fazer uma nova greve e em todo o Estado”, disse Neves.

A questão “metro versus tonelada” era o principal impasse nas negociações. Desde que a Faesp e a Fetaesp começaram, dia 15 de fevereiro, a acertar as condições de remuneração pelo corte da cana para a safra que se iniciou este mês, a federação dos trabalhadores quis que a base fosse a medição do talhão de canavial em que o bóia-fria trabalha, sugerindo

diferentes preços, de acordo com as condições da cana, pois uma pesa menos ou mais do que a outra.

A Faesp sempre insistiu no critério do peso, por tonelada, argumentando que essa é a unidade levada em conta pelo IAA para o preço da cana, açúcar e álcool. E que o metro é um critério fora da realidade, até mesmo pelo índice de produtividade de um canavial, que, numa mesma região, como a de Ribeirão Preto, varia de 120 a 250 toneladas por alqueire.

Até há cinco anos, o cortador de cana ganhava por metro, argumentavam líderes dos trabalhadores rurais na região. O que ocorria, segundo o usineiro Pedro Biagi Neto, é que as usinas e os fornecedores de cana pagavam por tonelada ao empreiteiro de mão-de-obra ("gato") e este, sim, pagava por metro ao cortador de cana.

Havia casos, em algumas áreas, conforme Biagi Neto admitiu, de o "gato" lesar o cortador, ao fazer a conversão. "Mas o gato é coisa do passado. Hoje, os cortadores de cana são contratados diretamente pelos empresários."

### **Laranja**

A greve dos apanhadores de laranja começou um dia antes, segunda-feira. Com eles ainda não houve acordo. A Fetaesp e a Faesp continuam as negociações nesta semana. A Federação dos Trabalhadores reivindica de Cr\$ 1.500 a 3 mil por caixa apanhada, dependendo das condições do pomar, enquanto a Faesp está propondo Cr\$ 495.

A greve dos apanhadores de laranja também sofreu um esvaziamento, a partir de sexta-feira. Em Bebedouro, maior município citrícola do País, a decisão é de continuar o movimento "do jeito que for possível", disse ontem um assessor da direção da Fetaesp aludindo à ação da polícia nos piquetes.

Carlos Alberto Nonino, da AE-Ribeirão Preto.

**(Página 11)**